



CURSO DE TEOLOGIA EAD

Profetas Maiores



UCLN

UNIVERSIDADE
CRISTÃ
CONHECIMENTO
e LIDERANÇA AVANÇADA

Sumário

Isaías	8
Perfil de Isaías: o profeta de Judá.....	9
A obra significativa de Isaías	9
Estrutura do livro de Isaías.....	10
Jeremias	24
Autor e contexto	25
A obra de Jeremias.....	25
Ezequiel.....	35
Autor	36
A obra de Ezequiel.....	36
Daniel.....	41
Autor	42
A obra de Daniel	43
Conclusão.....	47
Material complementar.....	48
Referências	49

Introdução

A mensagem dos profetas na Bíblia

As palavras dos profetas do Antigo Testamento carregavam uma autoridade e um impacto notável, sendo percebidas como vindas diretamente de uma fonte divina. Como esses profetas recebiam suas mensagens e as comunicavam ao povo? Palavras como roeh e chozeh, que significam “vidente”, são usadas para descrevê-los. É importante destacar que, na Bíblia, o vidente é aquele que tinha a capacidade de ver além do que era acessível aos demais, não por meios artificiais como na adivinhação ou práticas ocultas, mas por uma dádiva espiritual concedida independentemente de sua vontade própria. Ou seja, o vidente era aquele que transmitia as mensagens de Deus ao povo de Israel. O foco de suas visões era revelado por Deus.

“Nabi”, outro termo frequentemente utilizado, traduzido como “profeta”, em geral, enfatiza a ideia de que tal indivíduo era verdadeiro intérprete, mensageiro e porta-voz do divino, comunicando sua mensagem ao mundo. Isto é, o profeta era aquele que falava da parte de Deus, e não necessariamente previa o futuro. O profeta era alguém escolhido por Deus que agia no passado, presente e futuro. Ele lembrava do que o Senhor havia feito no passado, denunciava os erros do presente e indicava o futuro. “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho” (Hb. 1.1-2).

Contexto histórico dos profetas bíblicos

Ao longo de vários séculos de história bíblica, os profetas desempenharam um papel crucial na comunicação das mensagens divinas. Na Bíblia, encontramos 17 livros dedicados aos profetas, apesar de haver 16 figuras proféticas, já que Jeremias contribuiu com dois livros: o livro de Jeremias e Lamentações. Esses livros são geralmente categorizados em dois grupos: os “Profetas Maiores” (Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel) e os “Profetas Menores” (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias).

A maioria destes profetas (13, para ser exato) teve seu ministério durante a época da destruição da nação hebraica, enquanto três focaram na sua restauração. Esta destruição ocorreu em duas fases distintas: o reino do Norte caiu entre 732 e 722 a.C., com profetas como Joel, Jonas, Amós, Oséias, Isaías e Miquéias, atuando neste período. Já o reino do Sul foi destruído entre 605 e 587 a.C., com Jeremias, Ezequiel, Daniel, Obadias, Naum, Habacuque e Sofonias, sendo as figuras proféticas principais.

A restauração da nação aconteceu em torno de 538 a.C., marcada pelo trabalho de Ageu, Zacarias e Malaquias. O contexto para o surgimento desses profetas foi marcado pela apostasia das 10 tribos de Israel após o reinado de Salomão, como relatado em I Reis, capítulo 12. Políticas para manter os dois reinos separados levaram o reino do Norte a adotar o culto aos Bezerros de Ouro, um aspecto da religião egípcia e, posteriormente, o culto a Baal. Durante esta crise, com o povo de Deus se afastando e se entregando à idolatria das nações vizinhas, e com a presença de Deus aparentemente esmaecendo na consciência coletiva, os profetas surgiram como mensageiros divinos, guiando o povo de volta aos caminhos de Deus.

A era dos profetas na história bíblica

O período dos profetas na Bíblia estendeu-se por aproximadamente por 400 anos, mais ou menos 587 a.C., pela Babilônia, sob a ordem de Nabucodonosor. Um evento chave durante esse tempo foi a destruição de Jerusalém, que ocorreu mais ou menos no meio desse período. Esse evento marcou uma era de intensa atividade profética, na qual os mensageiros de Deus tentavam tanto prevenir quanto explicar a queda iminente da cidade.

É importante notar que, embora a destruição de Jerusalém seja vista como um ato divino, a narrativa bíblica mostra que Deus, em sua infinita misericórdia, fez esforços para evitar tal desfecho. Esse período destaca a dinâmica da relação entre a vontade divina e a ação humana, em que os profetas desempenharam um papel vital na comunicação da mensagem de Deus para o povo, encorajando-os a seguir um caminho de retidão e fidelidade.

Objetivos

- Compreender a importância da mensagem dos profetas na Bíblia, destacando seu papel como porta-vozes de Deus e sua relevância para a compreensão da história e da teologia do Antigo Testamento.
- Analisar o contexto histórico dos profetas bíblicos, identificando os principais eventos e circunstâncias que influenciaram suas mensagens e ministérios, e reconhecer como esses fatores moldaram suas perspectivas e ações.
- Explorar o perfil de Isaías como profeta de Judá, examinando sua vida, ministério e as principais temáticas de sua mensagem, incluindo sua visão da santidade de Deus e sua preocupação com a justiça social.
- Investigar as estruturas dos livros de Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, discernindo as diferentes seções e temas abordados em cada um, e compreender como essas estruturas refletem os propósitos e mensagens dos respectivos profetas.

Isaías



Profeta Isaías

Fonte: Imagem gerada em IA

#paratodosverem: Ilustração do profeta Isaías, com cabelos curtos, enrolados e barba longa, branca, em um cenário com cores mais alaranjadas. Ele está rodeado por anjos, com uma luz divina atrás de si.

Isaías é frequentemente reconhecido como “profeta messiânico” devido à sua firme convicção de que seu povo, Israel, estava destinado a ser uma nação messiânica – um canal através do qual Deus abençoaria todas as nações. Ele tinha uma visão persistente de um futuro em que obras extraordinárias seriam realizadas entre as nações pela intervenção divina. Entre todas as escrituras proféticas, o livro de Isaías é celebrado por sua beleza e elevação, apresentando uma visão incomparável do Messias e de

seu reino vindouro. Devido ao seu foco na graça redentora de Deus para com Israel e as nações, Isaías tem sido referido como “o quinto Evangelho” e o próprio Isaías como “o evangelista do Antigo Testamento”.

Perfil de Isaías: o profeta de Judá

Isaías foi um importante profeta do reino do Sul, Judá, durante um período crítico da história bíblica, quando o reino do Norte, Israel, foi conquistado pelos Assírios. Ele exerceu seu ministério nos reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, com sua vocação profética iniciando no ano da morte do rei Uzias. Algumas de suas visões proféticas, conforme indicado em Isaías (Is. 56.11), podem ter ocorrido antes deste evento.

O nome Isaías significa “salvação de Jeová”, refletindo precisamente o cerne de sua mensagem e ministério. Ele não foi apenas um profeta, mas também um estadista influente, envolvendo-se ativamente nos assuntos públicos de sua nação.

As tradições rabínicas de que Amoz, pai de Isaías (não confundir com o profeta Amós), era irmão do rei Amazias não tem confirmação adequada, como destaca J. Ridderbos (1986, p. 9). Isso implicaria dizer que Isaías era primo de primeiro grau do rei Uzias e neto do rei Joás, pertencendo, portanto, à linhagem real e sendo membro da corte.

Uma tradição do Talmude, corroborada por muitos dos primeiros pais da Igreja, narra que Isaías resistiu firmemente aos decretos idolátricos do rei Manassés. Por sua resistência, ele foi tragicamente executado, sendo prensado entre duas tábuas de madeira e serrado ao meio, sofrendo assim uma morte extremamente dolorosa e terrível. Este relato destaca a intensidade e a seriedade do compromisso de Isaías com sua missão profética e sua dedicação inabalável à vontade divina.

A obra significativa de Isaías

O momento mais destacado do ministério de Isaías foi, sem dúvida, a libertação milagrosa de Jerusalém do cerco assírio. Por meio de suas

orações fervorosas, conselhos sábios ao rei Ezequias e, acima de tudo, pela intervenção direta de Deus, o exército assírio foi milagrosamente derrotado diante dos muros de Jerusalém, conforme narrado nos capítulos 36 e 37 do livro de Isaías. Este evento marcou um ponto de virada, após o qual Senaqueribe, rei da Assíria, nunca mais ameaçou Jerusalém.

Estrutura do livro de Isaías

O livro de Isaías revela o contraste entre o governo do ser humano e o governo de Deus, entre o reinado e a forma de reinar/governar do ser humano enquanto ser finito e pecador, em contraste com o de Deus que é santo, perfeito em tudo que faz, incluindo sua justiça e equidade. Dessa maneira, uma das formas de se analisar esse livro é por meio desta divisão:

1. **Primeira parte (capítulos 1-39):** foca na “denúncia”. Nesta seção, percebe-se a forte expressão da ira divina contra Israel, que se desviou de seu caminho, e contra as nações idólatras ao redor. Aqui, são profetizadas as tribulações, o cativeiro em Babilônia e os julgamentos dos últimos dias.
2. **Segunda parte (capítulos 40-66):** é marcada pela “consolação”. Esta seção contém profecias sobre o retorno de Israel do cativeiro babilônico, sua restauração e reunião na Palestina nos últimos dias.



Síntese

O tema central do livro de Isaías oscila entre dois polos: a ira de Deus, que leva à condenação e tribulações de Israel, e a graça de Deus, que culmina na salvação e exaltação de Israel. Este livro, portanto, não apenas oferece uma perspectiva de julgamento e condenação, mas também de esperança e redenção, tanto para Israel quanto para todas as nações.

Outra forma de se analisar o livro de Isaías é dividindo-o em três seções principais:

1. **Seção condenatória (capítulos 1-35):** contém principalmente repreensões, advertências e profecias de juízo contra Israel e outras nações.
2. **Seção histórica (capítulos 36-39):** contém o relato da invasão assíria, a libertação divina de Jerusalém e a cura de Ezequias. Essa seção atua como um elo entre a primeira e a última parte do livro, servindo de apêndice à primeira seção com a profecia do Cativo Babilônico (Is. 39,5-8), que foi a consequência dos pecados de Israel. Também serve como introdução à última seção, que trata da restauração de Israel após o cativeiro.
3. **Seção consolatória (capítulos 40-66):** contém palavras de consolo a Israel e promessas de restauração e bênção.

E, para fins de estudo, podemos dividir o livro de Isaías da seguinte forma:

- Profecias relativas a Judá e Jerusalém (capítulos 1-12). Profecias sobre julgamentos nas nações (capítulos 13-23).
- Profecias de julgamentos mundiais culminando na redenção de Israel (capítulos 24-27).
- Profecias de julgamentos e misericórdia (capítulos 28-35).
- Invasão e libertação de Judá (capítulos 36-39).
- Libertação do cativeiro por Ciro (capítulos 40-48).
- Redenção através do sofrimento e sacrifício (capítulos 49-57).
- A glória futura do povo de Deus (capítulos 58-66).

Seção condenatória



Juízo sobre as nações

Fonte: Imagem gerada em IA

#paratodosverem: Ilustração representando o juízo. O planeta terra, visto do espaço, está abaixo. Acima dele, está Jesus rodeado por anjos, emanando uma luz divina.

1. Profecias relativas a Judá e Jerusalém (capítulos 1 ao 12)

Nesta parte do livro, Isaías inicia suas profecias com uma poderosa repreensão aos pecados de Judá e Jerusalém. O primeiro capítulo estabelece os temas principais do livro, destacando a profunda apostasia de Israel. Esta infidelidade foi tão extrema que, se não fosse pela misericórdia de Deus em preservar um remanescente, a nação teria sofrido um destino semelhante ao de Sodoma e Gomorra (Is. 1.1-9).

Apesar de manterem uma aparência de piedade, as práticas religiosas de Israel haviam se tornado vazias e detestáveis aos olhos de Deus (Is. 1.10-15). Contudo, segue-se uma promessa de perdão (Is. 1.16-23) e de restauração após o julgamento (Is. 1.24-31). Nos capítulos 2 a 4, Isaías apresenta três perspectivas de Sião:

1. Sua exaltação nos últimos dias, após a instauração do reino milenar (Is. 2.1-4).
2. Sua condição atual, marcada por impiedade, orgulho e idolatria (Is. 2.5 e 4.1).
3. Sua purificação por meio dos julgamentos divinos nos últimos dias (Is. 4.2-6).

Isaías prossegue com a denúncia dos pecados de Judá e Israel no capítulo 5. Este capítulo inclui:

- A parábola da vinha, simbolizando o castigo de Israel por não cumprir suas responsabilidades divinas (Is. 5.1-7), em paralelo com Mateus (Mt. 22.23-46).
- Seis “ais” contra a nação, repreendendo várias transgressões, como a cobiça, o hedonismo, o ceticismo, a corrupção moral, a arrogância e a injustiça judicial (Is. 5.8-24).
- A profecia de um julgamento na forma de invasão estrangeira (Is. 5.25-30).

O capítulo 6 é um relato da chamada de Isaías ao ministério, incluindo:

- Uma visão da glória de Cristo (comparar com João (Jo. 12.41)).
- A conscientização do próprio estado pecaminoso do profeta (Is. 6.5).
- Sua purificação e chamado (Is. 6.6-8).
- Uma mensagem sobre a cegueira espiritual de Israel devido à rejeição voluntária da verdade (6.9-10, comparar com Mateus 13.14-15, João 12.39-40, Atos 28.25-28).

- A pergunta angustiada de Isaías sobre a duração dessa cegueira espiritual, com a resposta de que persistirá até um grande cativo e retorno de um remanescente fiel (6.11-13).

Nos capítulos 7 a 9, versículo 7, encontram-se advertências ao rei de Judá contra a formação de alianças perigosas. O contexto inclui a união dos reis de Israel e da Síria para invadir Judá (Is. 7.1) e os planos de Acáz de aliar-se com a Assíria (1 Reis, capítulo 16). Isaías é enviado a Acáz com a exortação de confiar em Deus, não na Assíria, e com a profecia do nascimento virginal do Messias ([Is. 7.14] comparar com Mateus [Mt. 1.21]), que trará luz a Israel (Is. 9.1-2) e reinará eternamente (Is. 9.6-7).

No livro de Isaías (Is. 9.8 a 10.1-4), relatam-se calamidades enviadas por Deus sobre as 10 tribos de Israel, que não foram levadas a sério, incluindo invasões estrangeiras, anarquia e cativo iminente. O capítulo 10 descreve a Assíria como instrumento do juízo divino sobre Judá, mas também prediz o julgamento de Deus sobre a Assíria por sua arrogância (Is. 10.5-19). A seção termina com a promessa de um remanescente fiel e a libertação futura de Israel (Is. 10.20-23, 11 e 12).

2. Profecias de juízo sobre as nações (capítulos 13 ao 23)

Isaías aborda em seus escritos, nos capítulos 13 a 23, profecias relativas a várias nações, que se cumpriram algumas gerações após sua proclamação. Estas profecias, embora tenham se concretizado em grande parte com o retorno de Israel do Cativo, também apontam para um cumprimento futuro nos últimos dias. Os profetas frequentemente se referem a um futuro distante, em que não apenas haverá restauração, mas também a exaltação de Israel. Este conceito é conhecido como a “Lei da Referência Dupla”, na qual os eventos presentes são vistos como símbolos de acontecimentos futuros mais significativos. As nações mencionadas por Isaías incluem:

- **Babilônia (Is. 13.1 e 14.27):** Isaías profetiza a destruição do império babilônico pelos medos e persas. Ele vê este evento como simbólico da futura destruição do império do anticristo e a subsequente restauração de Israel (Is. 14.1-6).

- **Filístia (Is. 14.28-32):** a profecia adverte os filisteus contra a celebração prematura da invasão assíria de Israel, prevendo um destino similar para eles e uma futura restauração de Israel.
- **Moabe (capítulos 15 e 16):** a profecia trata da destruição iminente de Moabe pelos assírios, com uma referência à restauração nos últimos dias (Is. 16.13-14).
- **Damasco (Síria) e Efraim (capítulo 17):** Isaías adverte a Síria e seu aliado Efraim (as 10 tribos do Norte) sobre o julgamento vindouro, mas também oferece esperança de restauração para Israel (Is. 17.6-7 e 13).
- **Etiópia (capítulo 18):** a profecia menciona a Etiópia buscando alianças contra a Assíria e Isaías aconselhando paciência e fé na proteção divina contra a ameaça assíria.
- **Egito (capítulos 19 e 20):** a profecia trata dos julgamentos de Deus sobre o Egito, incluindo guerra civil e opressão, mas também preveem a restauração do Egito e uma aliança futura com Israel e Assíria (Is. 19.18-25).
- **Babilônia (“O deserto do mar”) (Is. 21.1-10):** é uma profecia adicional sobre a queda da Babilônia pelos medos e persas.
- **Edom (“Dumá”) (Is. 21.11-12):** Edom é retratado sentindo ansiedade sobre o futuro, recebendo uma resposta decepcionante, mas também compaixão.
- **Jerusalém (“O vale da visão”) (capítulo 22):** Isaías interrompe suas denúncias contra as nações pagãs para admoestar Jerusalém, que se entregava ao luxo e prazer enquanto os inimigos estavam à porta.
- **Tiro (capítulo 23):** Isaías prevê a devastação de Tiro, a humilhação de sua fama comercial e sua eventual restauração após 70 anos.

Essas profecias, que abrangem desde o julgamento até a restauração das nações, revelam a natureza abrangente da mensagem de Isaías, destacando a soberania de Deus sobre todas as nações e o plano divino para a humanidade.

3. Profecias de julgamentos mundiais culminando na redenção de Israel (capítulos 24 ao 27)

Na seção abrangendo os capítulos 24 ao 27, Isaías apresenta profecias que envolvem julgamentos sobre o mundo inteiro, culminando na redenção de Israel.

- **Capítulo 24:** neste capítulo, Isaías proclama um julgamento universal que afetará a Palestina, os reis e todas as nações da Terra. Esta fase de julgamento global é seguida pela promessa da restauração de Israel.
- **Capítulo 25:** este capítulo contém um cântico de gratidão e celebração que Israel entoará após sua restauração. O cântico exalta o poder de Deus em derrotar as cidades inimigas e a fidelidade em proteger Jerusalém. Deus é retratado como preparando uma festa para todas as nações no Monte Sião, removendo a cegueira espiritual, abolindo a morte e enxugando todas as lágrimas. Os inimigos de Israel, simbolizados por Moabe, serão destruídos.
- **Capítulos 26 e 27:** estes capítulos contêm mais cânticos de louvor e testemunho da fidelidade de Israel após sua restauração. Há uma exortação para que o remanescente fiel de Israel busque refúgio na proteção providenciada por Deus durante o período de grande tribulação (Is. 26.20 e 27.1). Após esta tribulação, a “vinha verdadeira” de Deus, uma metáfora para Israel, será protegida contra invasões estrangeiras e outros perigos (Is. 27.2-6). Os castigos impostos a Israel, apesar de severos, são descritos como mais leves em comparação aos sofridos por outras nações (Is. 27.7-11). Finalmente, é profetizada a reunificação e a renovação de Israel (Is. 27.12-13).

Essa seção do livro de Isaías realça a visão escatológica do profeta, em que os julgamentos globais levam à restauração final e redenção de Israel, simbolizando a esperança e a renovação final para o povo de Deus. É necessário ressaltar que há tempos se questiona se Israel ainda seria o Povo de Deus, tal como é chamado no Antigo Testamento e em partes do Novo Testamento. Há linhas teológicas que não veem o povo judeu como Povo de Deus após a crucificação de Cristo, já que é importante que conheçamos que este posicionamento é pontual e não uniforme em toda a história da Igreja.

4. Profecias de julgamentos e misericórdia (capítulos 28 ao 35)

Esta seção do livro de Isaías, abrangendo os capítulos 28 a 35, alterna entre repreensões severas e promessas de restauração e bênção para Israel.

Cada “ai” é um aviso ou julgamento sobre diferentes grupos, enquanto as promessas de restauração oferecem esperança e consolação.

- **Capítulo 28:** condenação dos líderes espirituais e civis de Samaria e Jerusalém por sua arrogância, escárnio e embriaguez.
- **Capítulo 29:** repreensão a Jerusalém por seu culto formalista e falta de sinceridade (Is. 29.1-14) e advertência contra aqueles que fazem planos secretos, pensando que podem se esconder de Deus (Is. 29.15-24).
- **Capítulos 30 e 31:** julgamento sobre aqueles que buscam ajuda do Egito ao invés de confiar no Senhor.
- **Capítulo 32:** visão do reino milenar, caracterizado pela justiça sob o governo do rei justo, o Messias.
- **Capítulo 33:** repreensão aos assírios por suas traições e maus-tratos ao povo de Deus.
- **Capítulo 34:** julgamento sobre Edom, representando o inimigo implacável de Israel e simbolizando os adversários dos últimos dias.
- **Capítulo 35:** profecia da gloriosa restauração de Israel na Terra Santa, marcando um tempo de renovação e redenção.

Esses capítulos destacam o tema recorrente de Isaías de justiça divina intercalada com a misericórdia de Deus. As repreensões são equilibradas com a promessa de restauração e bênção, sublinhando a esperança de um futuro restaurado para Israel sob a direção de Deus.

Seção histórica



Cura milagrosa do rei Ezequias

Fonte: Imagem gerada em IA

#paratodosverem: Ilustração representando a cura milagrosa do rei Ezequias. O rei está deitado ao centro, sendo curado pelo toque do Salvador e acompanhado por anjos e pessoas.

Invasão e libertação de Judá (capítulos 36 ao 39)

Esta parte do livro de Isaías documenta eventos históricos significativos, servindo como um elo entre as profecias anteriores e posteriores. Esta seção, abrangendo os capítulos 36 a 39, detalha a invasão assíria de Judá e a subsequente libertação providenciada pelo Senhor, cumprindo as

profecias apresentadas anteriormente (capítulos 8, 10.5-34 e 31.5-9). Além disso, essa seção também introduz a profecia do cativo babilônico (Is. 39.5-8), que estabelece o contexto para as promessas de restauração nos capítulos subsequentes. Os principais eventos desta seção incluem:

- **Capítulo 36:** relata a invasão de Judá por Senaqueribe, rei da Assíria, destacando os desafios enfrentados pelo povo de Judá.
- **Capítulo 37:** descreve a oração fervorosa do rei Ezequias diante da ameaça assíria e a resposta milagrosa de Deus, que resulta na libertação de Judá.
- **Capítulo 38:** narra a enfermidade do rei Ezequias e seu milagroso restabelecimento, demonstrando a misericórdia e o poder de Deus.
- **Capítulo 39:** apresenta um episódio considerado como imprudente na vida de Ezequias, quando ele mostra os tesouros do reino a embaixadores da Babilônia, levando à profecia do cativo babilônico.

Esta seção do livro de Isaías é fundamental para entender como os eventos históricos se entrelaçam com as profecias divinas, demonstrando a soberania de Deus na história de Israel e as consequências das ações humanas.

Seção consolatória



Libertação de Judá

Fonte: Imagem gerada em IA

#paratodosverem: Ilustração representando a libertação do povo de Judá. Ao centro está o Salvador, rodeado por anjos e sendo aclamado pelo povo, emanando uma luz divina.

1. Libertação do cativeiro por Ciro (capítulos 40 ao 48)

Esta seção do livro de Isaías, abrangendo os capítulos 40 a 48, foca na predição da libertação de Israel do cativeiro babilônico sob a liderança de Ciro, o rei persa, que conquistou o Império Babilônico, como registrado em

Esdras (Ed. 1.4). O tema principal aqui é a exaltação da grandeza de Deus em comparação com as divindades pagãs. O resumo a seguir apresenta os principais eventos desta seção:

- **Capítulo 40:** este capítulo é central para a seção, encorajando o profeta a consolar Israel com a promessa de um libertador futuro (Is. 40.1-14), destacando a grandeza e o poder de Deus (Is. 40.12-26) e Sua habilidade de fortalecer os cansados e exaustos (Is. 40.27-31).
- **Centralidade de Deus:** o capítulo 40 realça o poder de Deus, especialmente em sua capacidade de prever eventos futuros (Is. 40.1-4 e 22-23).
- **Libertação espiritual:** a promessa de Deus de libertação espiritual por meio de Seu Servo, o Messias, é enfatizada (Is. 42.1 a 43.13).
- **Redenção de pecados:** a mensagem é a redenção dos pecados de Israel pela graça de Deus (Is. 43.14 a 44.23).
- **Missão de Ciro:** a missão de Ciro como libertador de Israel simboliza o Messias (Is. 44.24 a 45.25). Deus comissionou Ciro para esta tarefa 150 anos antes de seu nascimento (Is. 4.1-4).
- **Julgamentos sobre Babilônia:** são detalhados os julgamentos de Deus sobre a Babilônia, o opressor de Israel (capítulos 46 e 47).
- **Argumento do capítulo 48:** como Deus havia predito a restauração de Israel e a fuga de Babilônia por meio de um príncipe pagão 150 anos antes, os exilados não poderiam atribuir sua libertação ao poder dos ídolos, mas sim ao plano e poder de Deus.

Esta seção de Isaías oferece uma perspectiva consoladora e esperançosa, destacando a soberania e fidelidade de Deus na história de Israel, desde a libertação do cativeiro até a promessa de redenção espiritual.

2. Redenção através do sofrimento e sacrifício (capítulos 49 ao 57)

Esta seção do livro de Isaías, que abrange os capítulos 49 a 57, concentra-se na figura do Servo de Jeová, que é o autor da redenção espiritual de Israel. O foco principal destes capítulos é a redenção alcançada por meio

do sofrimento. É preciso reforçar, mais uma vez, que este posicionamento é pontual e não uniforme em toda a história da Igreja. Um resumo destes capítulos é apresentado a seguir:

- **Capítulo 49:** apresenta o ministério do Messias, o Servo de Jeová, que é chamado para restaurar Israel e ser uma luz para as nações.
- **Capítulo 50:** descreve a humilhação do Messias pelas mãos de Israel rebelde e sua firme confiança em Deus apesar da adversidade.
- **Capítulos 51 ao 52.12:** oferecem encorajamento ao remanescente fiel de Israel, instando-os a confiar em Deus para resgate do exílio babilônico e da dispersão atual.
- **Capítulos 52.13 ao 53.12:** narram a rejeição, humilhação, morte, ressurreição e glorificação do Messias, destacando o papel sacrificial do Servo de Jeová na redenção.
- **Capítulo 54:** promete o arrependimento e a restauração de Israel após a rejeição do Messias, enfatizando a misericórdia e a fidelidade de Deus.
- **Capítulos 55 e 56:** revelam o resultado da restauração de Israel – um convite para todas as nações para crerem no Messias e participarem da salvação.
- **Capítulo 57:** oferece promessas consoladoras ao remanescente fiel em Israel, ao mesmo tempo em que denuncia a impiedade dentro da nação.

Esses capítulos destacam a figura central do Messias como o Servo sofredor que traz redenção, enfatizando a importância do arrependimento, da fé e da esperança na misericórdia divina. A mensagem é de salvação e restauração, não apenas para Israel, mas para todas as nações.

3. A Glória futura do povo de Deus (capítulos 58 ao 66)

Esta seção final do livro de Isaías, que compreende os capítulos 58 a 66, concentra-se na visão da futura glória do povo de Deus e no estabelecimento do reino universal de Deus. Reforça-se, novamente, que

este posicionamento é pontual e não uniforme em toda a história da Igreja. Os principais temas e mensagens principais desses capítulos incluem:

- **Capítulo 58:** exorta à verdadeira prática religiosa, contrastando-a com a mera formalidade. Enfatiza a importância do jejum sincero e das ações justas.
- **Capítulo 59:** chama Israel a se arrepender dos pecados que causam a separação de Deus. Descreve como Deus, na figura do Messias, intervém para resgatar Israel de seus pecados e inimigos, estabelecendo um pacto eterno e colocando Seu espírito neles.
- **Capítulo 60:** apresenta a futura glória de Israel após seus sofrimentos, retratando um período de prosperidade e honra.
- **Capítulo 61:** revela a missão do Messias, que traz a misericórdia do Evangelho em sua primeira vinda e o juízo sobre os incrédulos, bem como consolo a Sião, em sua segunda vinda.
- **Capítulo 62:** foca nas orações intercessórias pela restauração de Sião.
- **Capítulos 63 e 64:** incluem uma vívida representação do Messias como vingador na segunda vinda (Is. 63.1-6) e orações intercessórias do remanescente fiel por misericórdia, perdão e restauração da terra (Is. 63.7 e 64.12).
- **Capítulos 65 e 66:** apresentam respostas às orações do povo, com Deus justificando Seu tratamento de Israel. Por causa da apostasia, Israel é temporariamente rejeitado, mas um remanescente fiel será salvo. Apresentam uma visão gloriosa do reino milenial futuro (Is. 65.17 e 66.24), com ênfase na longevidade, paz, espiritualidade universal e o fim dos cultos idólatras. Além disso, mostram a promessa após o julgamento das nações, em que Deus enviará mensageiros para proclamar as boas novas e até os antigos perseguidores de Israel, os quais auxiliarão na restauração.

Este segmento do livro de Isaías oferece uma mensagem de esperança e renovação, destacando a restauração final de Israel e o estabelecimento do reino de Deus. Ressalta a ideia de um futuro glorioso, não só para Israel, mas para toda a humanidade sob a soberania divina, apesar de este posicionamento ser pontual e não uniforme em toda a história da Igreja, como já mencionado outras vezes.

Jeremias



Profeta Jeremias

Fonte: Imagem gerada em IA

#paratodosverem: Uma ilustração do profeta Jeremias, com longas barbas e cabelos grisalhos, em um cenário com tons azulados. Ele segura um lápis de madeira e está rodeado por anjos, com uma luz divina atrás de si.

Jeremias, assim como Isaías, transmitiu mensagens de condenação ao Israel apóstata. Contudo, enquanto Isaías era vigoroso e severo, Jeremias se destacava por sua abordagem mais moderada e compassiva. Enquanto Isaías expressava a ira divina contra o pecado de Israel, Jeremias refletia o pesar de Deus por esse pecado. A postura de Isaías era de denunciar com fervor, enquanto Jeremias se caracterizava pela tristeza e lágrimas. Isaías encontrava motivos de alegria na futura libertação de Israel, enquanto

Jeremias, apesar de também vislumbrar essa libertação, permanecia consumido pela tristeza devido ao pecado de Israel. Esta característica rendeu a Jeremias o título de “o profeta das lágrimas”.

Autor e contexto

O nome Jeremias significa “O Senhor sonda”, “Aquele que foi posto pelo Senhor”, “O Senhor estabelece” ou “Javé exaltado”. Jeremias era um jovem tímido. Ele foi eleito por Deus para anunciar o juízo Dele contra Judá diante da severa oposição do povo, dos reis, líderes políticos da época e sacerdotes. Tinha intenção de que o povo se arrependesse e se voltasse a Deus. Jeremias foi odiado, considerado quase um “antipatriota”.

Jeremias era filho de Hilquias, um sacerdote de Anatote na terra de Benjamim. Ele foi chamado ao ministério ainda jovem, no 13º ano do rei Josias, cerca de 70 anos após a morte de Isaías. Exerceu seu ministério em Jerusalém e outras cidades de Judá por aproximadamente 40 anos, sob os reinados de Josias, Jeoacaz, Jeoiaquim, Joaquim e Zedequias. Enfrentou períodos de perseguição severa, especialmente sob os reinados de Jeoiaquim e Zedequias. Foi preso várias vezes e maltratado por suas profecias audaciosas, incluindo a previsão da desolação de Jerusalém. Durante o reinado de Zedequias, foi acusado de deserção e permaneceu preso até a conquista da cidade por Nabucodonosor, que o libertou. Jeremias atuou desde o 13º ano de Josias até o início do cativeiro babilônico, cobrindo um período de aproximadamente 40 anos.

A obra de Jeremias

Estrutura do livro de Jeremias

O livro de Jeremias é extenso e complexo, não se adequando facilmente a uma divisão clara. Uma possível divisão seria em dois livros: o primeiro até o capítulo 25, com oráculos proféticos, e o segundo do capítulo 26 ao final, com narrativas. A seguinte estrutura é sugerida:

1. Chamado e comissão de Jeremias (capítulo 1).
2. Mensagem geral de repreensão a Judá (capítulos 2 ao 25).
3. Mensagens detalhadas de repreensão, julgamento e restauração (capítulos 26 ao 39).
4. Mensagens após o cativeiro (capítulos 40 ao 45).
5. Profecias sobre as nações (capítulos 46 ao 51).
6. Retrospecto: queda de Jerusalém e cativeiro de Judá (capítulo 52).



Atenção

Os capítulos 22 a 25 de 2 Reis fornecem um pano de fundo histórico essencial para a compreensão deste livro.

Jeremias se destaca como um profeta profundamente humano, cuja mensagem refletia tanto a justiça quanto a compaixão de Deus. Seu legado é de fé e perseverança em meio a adversidades e desafios.

1. Chamado e comissão de Jeremias (capítulo 1)

Neste capítulo, são explorados os seguintes aspectos:

- **Origens de Jeremias:** vindo de uma família sacerdotal em Benjamin, Jeremias tinha raízes profundas na tradição religiosa (Jr. 1.1).
- **Período de atuação:** seu ministério se estendeu desde o reinado de Josias até o início do exílio babilônico, marcando uma época de grandes mudanças (Jr. 1.2-3).
- **Chamado divino:** destinado a ser um profeta para as nações, Jeremias recebeu uma missão abrangente (Jr. 1.4-5).
- **Consagração profética:** inspirado e fortalecido por Deus, ele foi preparado para a sua missão (Jr. 1.6-9).

- **Missão profética:** encarregado de anunciar tanto a queda quanto a restauração das nações, Jeremias teve um papel crítico na história (Jr. 1.10).
- **Mensagem a Israel:** alertou sobre a iminente invasão babilônica, usando metáforas como a panela fervente e a vara de amendoeira para simbolizar a urgência e a certeza dos eventos (Jr. 1.11-16).
- **Encorajamento na adversidade:** suas palavras também trouxeram conforto e promessa de proteção divina em meio a perseguições (Jr. 1.17-19).

Há várias propostas de subdivisão e interpretação, mas, para fins didáticos, pode-se, numa tentativa de abarcar a mensagem principal, dividir o livro de Jeremias da forma como será apresentado a seguir.

2. Mensagem geral de repreensão a Judá (capítulos 2 ao 25)

Os capítulos 2 ao 25 abrangem os seguintes pontos:

- **Primeira mensagem a Judá (Jr. 2.1 e 3.5):** Deus relembra as bênçãos e libertações passadas de Israel, repreende sua apostasia e idolatria e convida ao arrependimento.
- **Segunda mensagem de Jeremias (Jr. 3.6 e 6.30):** lembra Judá sobre a idolatria das 10 tribos, apela ao reino do Norte para se arrepender e profetiza o julgamento da invasão babilônica.
- **Discurso na porta do Templo (capítulos 7 ao 10):** enfatiza os problemas do formalismo no culto, idolatria, e apostasia, levando à punição divina e dispersão.
- **Mensagem do pacto violação (capítulos 11 e 12):** aborda a maldição divina sobre Judá devido à violação do pacto mosaico, inspirada pela descoberta do livro da lei.
- **Mensagem do cinto de linho (capítulo 13):** alerta sobre as consequências da rebelião contra Deus e enfatiza a importância da fidelidade para evitar a decadência espiritual.
- **Mensagem dos odres cheios (capítulo 13):** destaca as consequências severas da rebelião contra Deus.

- **Profecias durante uma seca (capítulos 14 e 15):** veem a seca como castigo divino e discutem a inutilidade da intercessão em face da iniquidade de Israel, mas ainda preservam um remanescente.
- **Sinal do profeta solteiro (Is. 16.1 e 17.18):** a solteirice de Jeremias serve como sinal dos castigos iminentes, incluindo luto e abstenção de prazeres.
- **Mensagem sobre o sábado (Is. 17.19 e 27):** violá-lo é equivalente a romper o pacto com Deus, trazendo as penalidades profetizadas.
- **Sinal da casa do oleiro (Is. 18.1 e 19.13):** Deus pode moldar ou destruir as nações como um oleiro com seu vaso, simbolizando o poder divino sobre Israel.
- **Primeira perseguição de Jeremias (Jr. 19.14 e 20.18):** perseguição enfrentada por Jeremias ao prever a destruição de Jerusalém e o julgamento subsequente de Deus sobre Pasur.
- **Mensagem ao rei Zedequias (capítulos 21 e 22):** resposta divina ao questionamento de Zedequias, enfatizando o julgamento severo e a possibilidade de escape pela justiça.
- **Profecia do Rei Justo, o Messias (Jr. 23.5-6):** promessa da vinda do Messias e denúncia dos falsos profetas que ofereciam falsas esperanças de paz e segurança.
- **Sinal dos figos (capítulo 24):** diferencia os destinos dos judeus nas deportações, com promessas de restauração ou dispersão.
- **Profecia dos setenta anos do cativeiro (Jr. 25.1-4):** prediz o cativeiro de Judá e a subsequente destruição da Babilônia.
- **Julgamento das nações (Jr. 25.15-38):** o julgamento é simbolizado pelo cálice de vinho da ira de Deus, destacando o juízo divino sobre as nações.

Para um treinamento cristão mais amplo, mantendo uma abordagem neutra em relação a denominações ou grupos religiosos específicos, o texto pode ser dividido de várias maneiras, com o objetivo de facilitar o estudo e a compreensão, como apresentado a seguir.

3. Mensagens detalhadas de repreensão, julgamento e restauração (capítulos 26 ao 39)

- **Perigo de vida de Jeremias (capítulo 26):** as mensagens repetidas de Jeremias sobre a destruição de Jerusalém colocam sua vida em risco, mas ele é protegido pelos juízes da cidade.
- **Simbolismo dos Jugos (capítulos 27 e 28):** a subjugação de Judá e nações vizinhas por Nabucodonosor é simbolizada através de jugos, confrontando os falsos profetas que incitavam à rebelião.
- **Mensagem aos cativos da primeira deportação (capítulo 29):** uma carta instrui os exilados a se estabelecerem na Babilônia por setenta anos e a ignorarem falsas profecias de um retorno rápido.
- **Visão de futuro, cativo e restauração (capítulos 30 e 31):** o profeta contempla o futuro libertador de Israel, restaurado à sua terra sob o reinado do Messias, filho de Davi, e as bênçãos do Novo Pacto.
- **Sinal da restauração futura (capítulo 32):** Jeremias compra uma porção de terra como sinal de restauração futura, mesmo questionando a promessa divina devido à situação crítica da cidade.
- **Continuação do tema da restauração (capítulo 33):** a restauração final de Israel é assegurada através das promessas de Deus, o surgimento do Messias e a fidelidade divina ao pacto.
- **Profecia do cativo de Zedequias (capítulo 34):** uma denúncia contra o povo de Jerusalém por violar o pacto de libertar escravos hebreus, resultando na profecia de que eles também se tornariam cativos.
- **Mensagem sobre os recabitas (capítulo 35):** os recabitas são usados como exemplo de obediência, contrastando com a desobediência dos judeus às leis de Deus.
- **Escrita das profecias de Jeremias (capítulo 36):** em uma tentativa final de arrependimento, as profecias de Jeremias são escritas e lidas ao povo, mas são rejeitadas, selando o destino da nação.
- **Prisão de Jeremias (capítulo 37):** Jeremias é preso ao tentar visitar sua terra natal, e mesmo após a retirada temporária dos caldeus, suas profecias sobre a destruição de Jerusalém se mantêm.

- **Jeremias encarcerado (capítulo 38):** enquanto preso, Jeremias enfrenta a hostilidade por pregar a rendição aos caldeus, mas é transferido para uma prisão mais segura após a intervenção de Ebede-Meleque.
- **Queda de Jerusalém e destino de Judá (capítulo 39):** registra a queda de Jerusalém, o cativeiro final de Judá, a morte de Zedequias, a libertação de Jeremias por Nabucodonosor, e a recompensa de Ebede-Meleque.

4. Mensagens após o cativeiro (capítulos 40 ao 45)



Jeremias e Gedalias

Fonte: Imagem gerada em IA

#paratodosverem: Ilustração do encontro entre o profeta Jeremias e o governador Gedalias. Em um amplo salão com várias pessoas, o governador, barba e cabelos escuros, está em pé, usando uma túnica branca com detalhes em vermelho, azul e amarelo. Jeremias, barba e cabelos brancos, está sentado à sua frente, usando uma túnica de tons avermelhados.

- **Escolha de Jeremias (capítulo 40):** Jeremias opta por permanecer com seu povo ao invés de ir para a Babilônia, mesmo com possíveis vantagens materiais. Ele se une a Gedalias, governador nomeado pela Babilônia, que, infelizmente, negligencia avisos de uma conspiração contra sua vida.
- **Conspiração e assassinato de Gedalias (capítulo 41):** a conspiração se concretiza com o assassinato de Gedalias por Ismael. O povo, temendo represálias dos caldeus pelo assassinato, é levado por Joanã em direção ao Egito.
- **Consulta a Deus e resposta divina (capítulo 42):** antes de finalizarem seus planos, os líderes consultam Deus, que aconselha a permanecerem na Judeia, alertando que ir para o Egito traria destruição.
- **Desobediência e partida para o Egito (capítulo 43):** contrariando a orientação divina, os líderes decidem ir para o Egito com o restante do povo. Lá, Jeremias usa uma parábola para prever a conquista do Egito por Nabucodonosor.
- **Última mensagem de Jeremias a Judá (capítulo 44):** Jeremias profetiza contra o povo que, seduzido pela idolatria egípcia, pretende adorar a “Rainha do Céu”. Ele prediz a destruição deles como consequência dessa idolatria e a invasão do Egito por Nabucodonosor.
- **Mensagem a Baruque (capítulo 45):** aproximadamente 18 anos antes da queda de Jerusalém, Baruque se sente desanimado após copiar e ler as profecias de Jeremias, enfrentando perseguição. Deus o aconselha a não buscar grandes ambições, mas a se contentar com a preservação de sua vida diante das dificuldades vindouras.

5. Profecias sobre as nações (capítulos 46 ao 51)

As “Profecias sobre as nações” não se alinham a uma seita ou grupo religioso específico. A seguir, destaca-se a relevância histórica e espiritual dessas profecias, ressaltando seu significado universal para a fé cristã.

- **Egito (capítulo 46):** estas profecias descrevem eventos históricos, como a derrota do Egito pelo rei da Babilônia, e também trazem mensagens de esperança, como a prometida restauração de Israel.

Esses eventos são vistos não apenas como fatos históricos, mas também como manifestações do plano divino.

- **Filístia e Tiro (capítulo 47):** a profecia de invasão dessas regiões pelo rei Nabucodonosor reflete a soberania de Deus sobre as nações, uma mensagem central para os cristãos, que veem Deus como o regente supremo da história.
- **Moabe (capítulo 48):** a profecia contra Moabe, que inclui julgamento e eventual restauração, é um lembrete da justiça e misericórdia divinas. Os cristãos podem ver nessas narrativas um reflexo do caráter justo, mas também compassivo, de Deus.
- **Amom (Jr. 49.1-9):** a condenação de Amom por suas ações contra Israel destaca o tema da responsabilidade moral e as consequências dos atos, elementos fundamentais da ética cristã.
- **Edom (Jr. 49.7-22):** a profecia sobre Edom, uma nação historicamente hostil a Israel, fala sobre a justiça divina, um conceito essencial na fé cristã.
- **Damasco (Jr. 49.23-27):** a invasão de Damasco mostra como as nações são vulneráveis à ação divina, reforçando a crença cristã na soberania de Deus.
- **Quedar e Hazor (Jr. 49.28-33):** estas profecias podem ser vistas como exemplos da imparcialidade de Deus em lidar com todas as nações, independentemente de sua relação com Israel.
- **Elão (Jr. 49.34-39):** a profecia sobre Elão, que inclui castigo e restauração, pode ser interpretada como um sinal da graça divina, que está aberta a todas as nações.
- **Babilônia (Jr. 50.51):** a queda da Babilônia, usada por Deus para punir outras nações, mas também julgada por seus pecados, é um poderoso lembrete da justiça de Deus e da ideia de que nenhuma nação está acima do seu julgamento.

Essas profecias, embora específicas em seu contexto histórico, são vistas pelos cristãos como parte de uma narrativa maior sobre a relação de Deus com a humanidade. Elas são interpretadas como demonstrações da soberania, justiça, e misericórdia de Deus, temas centrais na fé cristã.

Ao estudá-las, os cristãos são convidados a refletir sobre essas verdades eternas e a aplicação delas em suas próprias vidas e na história humana.

6. Retrospecto: queda de Jerusalém e cativo de Judá (capítulo 52)

A abordagem de “Retrospecto: queda de Jerusalém e cativo de Judá” terá como foco a importância histórica e espiritual do evento, destacando sua relevância para a fé cristã como um todo.

O capítulo 52 do livro de Jeremias oferece uma visão retrospectiva sobre um dos momentos mais críticos e transformadores da história de Israel: a destruição de Jerusalém e o subsequente cativo de Judá. Este episódio é também detalhado no livro 2 Reis, capítulos 24 e 25, 2 Crônicas, capítulo 36, e Jeremias, capítulo 39. A repetição desse relato em diferentes livros da Bíblia ressalta a sua importância e o impacto profundo que teve sobre o povo de Israel e, conseqüentemente, sobre a história da fé judaico-cristã.

A destruição de Jerusalém não é apenas um evento histórico, mas também um momento de profunda reflexão espiritual. Para Jeremias, o profeta que presenciou e registrou tais acontecimentos, a queda de Jerusalém foi motivo de grande lamento e dor. Suas experiências e emoções são capturadas em suas escrituras, refletindo não apenas a angústia de um povo, mas também a relação complexa entre Deus e Seu povo escolhido.

Esse episódio revela a importância de se compreender a soberania de Deus na história, a obediência a Seus mandamentos e as conseqüências do afastamento de Seus caminhos. Além disso, o cativo de Judá serve como um lembrete da resiliência e da esperança, mesmo diante de grandes adversidades, valores fundamentais no cristianismo.

Assim, a queda de Jerusalém e o cativo de Judá tem um importante significado teológico e espiritual. Isso permite que cristãos de diversas tradições encontrem relevância e aplicação pessoal nesta história, vendo-a não apenas como um relato do passado, mas como uma parte viva e ativa de sua fé.

7. Lamentações

“Lamentações” podem ser vistas como um profundo reflexo da dor e da tristeza vivenciadas pelo profeta Jeremias diante da destruição de Jerusalém por volta de 586 a.C. adversidades e desolações enfrentadas por Jerusalém. Este livro bíblico não apenas complementa a profecia de Jeremias, mas também intensifica a expressão de seu lamento. As lágrimas e as dores descritas por Jeremias em sua profecia alcançam um ponto culminante em “Lamentações”, nas quais o luto e a tristeza são descritos com intensidade e profundidade emocionais.

O objetivo principal de “Lamentações”, composta por 5 poemas, é levar os leitores a reconhecerem a disciplina divina nas adversidades vivenciadas. O livro encoraja um retorno a Deus com um arrependimento genuíno e sincero. Esse retorno não é apenas um chamado ao povo judeu daquela época, mas também serve como um lembrete perene para todos os crentes sobre a importância do arrependimento e da reconciliação com Deus. O livro pode ser resumido em três temas principais:

1. **As desolações de Jerusalém:** retrata vividamente as dificuldades e o sofrimento enfrentados pela cidade, servindo como um símbolo das consequências do afastamento de Deus.
2. **O resultado dos pecados:** faz uma conexão direta entre as adversidades enfrentadas e as ações do povo, destacando as consequências dos pecados e da desobediência a Deus.
3. **O castigo de um Deus Fiel:** o livro mostra que, apesar da severidade do castigo, o objetivo divino é levar o povo ao arrependimento e à restauração. Esta mensagem ressoa com a crença cristã na justiça e misericórdia de Deus.

Para o público cristão, “Lamentações” é mais do que um registro histórico; é uma fonte de ensinamentos espirituais e uma lembrança da necessidade constante de buscar a Deus, especialmente em tempos de dificuldades. Esse livro oferece uma oportunidade de reflexão sobre temas como o arrependimento, a misericórdia divina e a importância da fé e da confiança em Deus, independentemente das circunstâncias.

Ezequiel



Profeta Ezequiel

Fonte: Imagem gerada em IA

#paratodosverem: Uma ilustração do profeta Ezequiel, com longas barbas e cabelos brancos. Ele está rodeado por anjos, com uma luz divina atrás de si.

Ezequiel, exercendo seu ministério na Babilônia, começou a profetizar cerca de 6 a 7 anos antes da destruição de Jerusalém, estendendo seu ministério até aproximadamente 15 a 16 anos após esse evento. Semelhante a Isaías, as mensagens de Ezequiel combinam denúncia e consolação. O tema central de suas predições é a destruição de Jerusalém.

Antes desse acontecimento, Ezequiel enfatizava a necessidade de arrependimento, advertindo contra a falsa esperança de libertação do

domínio babilônico e prevendo a inevitável destruição da cidade e do templo. Após a destruição, ele focou em consolar os judeus exilados, prometendo-lhes futura libertação e restauração, e assegurando-os de bênçãos vindouras. O tema de Ezequiel pode ser resumido como o afastamento e o retorno da glória de Deus em relação a Israel, simbolizando juízo e restauração.

Autor

Ezequiel, cujo nome significa “Deus fortalece”, foi tanto sacerdote quanto profeta. Levado cativo à Babilônia junto com o rei Jeoiaquim, cerca de dez anos antes da queda de Jerusalém, Ezequiel serviu os exilados em Tel-Abib. Muitos resistiam às suas mensagens, mantendo a falsa esperança de um retorno rápido a Jerusalém. A tradição sugere que Ezequiel foi martirizado por um dos exilados a quem repreendeu por idolatria. Ele foi contemporâneo de Jeremias em Jerusalém e Daniel em Babel. Convocado para ser profeta do Senhor no quinto ano de seu cativeiro, aos 30 anos, Ezequiel era filho do sacerdote Buzi e frequentemente atuava como conselheiro. Deus o designou como atalaia sobre a casa de Israel, representando tanto os reinos do Norte quanto do Sul. A esfera de ação dos eventos históricos presentes no livro de Ezequiel abrange aproximadamente 21 anos, de 595 a 574 a.C.

A obra de Ezequiel

Estrutura do livro de Ezequiel

Para o estudo do livro de Ezequiel, sugere-se a seguinte estrutura:

1. **Chamada do profeta (capítulos 1 a 3):** nomeação e missão de Ezequiel como profeta.
2. **Sorte de Jerusalém e da nação (capítulos 4 a 24):** profecias relativas ao destino de Jerusalém e do povo de Israel.

3. **Profecias contra as nações (capítulos 25 a 32):** mensagens direcionadas a várias nações vizinhas de Israel.
4. **Restauração de Israel (capítulos 1 ao 3):** promessas de restauração e renovação para Israel.

1. A chamada do profeta (capítulos 1 a 3)

- **Visão de Ezequiel (capítulo 1):** semelhante à chamada de Isaías, a jornada profética de Ezequiel começa com uma visão impressionante da glória do Senhor. Esta visão inclui a aparição dos querubins, seres angelicais cuja função na Bíblia frequentemente se relaciona com a proteção e a proclamação da santidade de Deus. Referências a esses seres podem ser encontradas em diversas partes das Escrituras, como em Gênesis, Êxodo, Números, Samuel, Reis, Salmos e Apocalipse.
- **Sua missão e mensagem (Ez. 2.1 e 3.9):** a missão de Ezequiel, assim como a de Isaías, envolve transmitir uma mensagem de condenação a um povo que se desviou dos caminhos de Deus. Este chamado reflete um tema central na Bíblia: a importância da obediência e fidelidade a Deus.
- **Sua responsabilidade (Ez. 3.10-21):** Ezequiel é estabelecido como uma atalaia sobre a casa de Israel. Essa função carrega uma responsabilidade solene: alertar o povo de Israel sobre as consequências de suas ações e o descumprimento de seus deveres perante Deus.
- **Sua segunda visão da glória do Senhor (Ez. 13.22-27):** Ezequiel é instruído a esperar por revelações divinas antes de iniciar seu ministério de pregação. Durante esse período, ele deve permanecer em sua casa, preparando-se para as tarefas que Deus lhe confiará, especialmente em relação ao destino de Israel.

2. A Sorte de Jerusalém e da nação (capítulos 4 ao 24)

Deus instrui Ezequiel a permanecer em silêncio em relação às mensagens verbais, mas a comunicar-se com a nação por meio de 4 atos simbólicos. Esses atos são uma forma poderosa de comunicação profética que expressam visualmente as mensagens divinas.

- **Representação do cerco a Jerusalém (Ez. 4.1-3):** Ezequiel usa um tijolo e uma placa de ferro para simbolizar o cerco de Jerusalém, transmitindo a iminência e a seriedade do julgamento divino.
- **Vigília do profeta e o castigo de Israel e Judá (capítulos 4 ao 8):** Ezequiel deita-se sobre o lado esquerdo para representar os anos de idolatria e o pecado de Israel, desde o estabelecimento da idolatria por Jeroboão até o 23º ano de Nabucodonosor, e o castigo de Judá por seus 40 anos de iniquidade.
- **Reações do cerco (Ez. 4.9-17):** a ordem para Ezequiel comer seu pão por peso e beber sua água por medida simboliza a fome severa que prevalecerá durante o cerco.
- **Símbolo do cabelo dividido (Ez. 5.1-4):** o cabelo dividido do profeta simboliza a destruição do povo de Jerusalém por meio de fome, pestilência e espada.

Esses capítulos do livro de Ezequiel destacam a seriedade das consequências do afastamento de Deus e da desobediência às Suas leis. Para o público cristão, esses capítulos oferecem uma reflexão sobre a justiça e a misericórdia de Deus, a importância do arrependimento e da fidelidade a Deus. Eles também demonstram a maneira criativa e impactante com que Deus pode comunicar Sua mensagem, enfatizando que a fé não se restringe apenas às palavras, mas também pode ser expressa por meio de ações e símbolos.

3. A visão da destruição de Jerusalém (capítulos 8 ao 11)

- **Causas da destruição iminente (capítulo 8):** a idolatria dos habitantes de Jerusalém é destacada como uma das principais razões para a destruição vindoura. Isso inclui a adoração de deuses egípcios, a veneração de Tamuz e a adoração persa do sol.
- **Visão do julgamento e preservação de um remanescente fiel (capítulo 9):** visão simbólica que prevê a punição do povo e a conservação de um remanescente fiel.
- **Visão da destruição de Jerusalém simbolizada pelo fogo do altar (capítulo 10):** visão que pode ser interpretada como um símbolo do incêndio da cidade.

- **Retirada da glória divina de Jerusalém (capítulo 11):** símbolo do juízo divino iminente.

Nos capítulos subsequentes, Ezequiel continua a expor a situação crítica de Jerusalém e Judá, através de várias parábolas e simbolismos:

- **Aproximação do cativo de Judá (capítulo 12):** Ezequiel simboliza a proximidade do cativo por meio de suas próprias ações.
- **Denúncia contra falsos profetas e líderes (capítulos 13 e 14):** Ezequiel condena os que falsamente prometem paz e questionam Deus com intenções dissimuladas.
- **Alegorias da inutilidade e infidelidade de Israel (capítulos 15 e 16):** representadas pela figura da vinha consumida pelo fogo e pela imagem de uma meretriz.
- **Parábola da grande águia (capítulo 17):** ilustra a punição da traição de Zedequias e seu pacto quebrado com Nabucodonosor.
- **Justiça de Deus e responsabilidade individual (capítulo 18):** responde à acusação de punir a geração presente pelos pecados dos pais.
- **Lamentação pela queda da casa de Davi (capítulo 19):** reflete sobre as consequências do afastamento de Deus.
- **Resumo histórico e promessa de restauração (capítulo 20):** enfatiza a infidelidade de Israel, a paciência divina e a promessa de restauração através da purificação.
- **Aviso de destruição por Nabucodonosor (capítulo 21):** inclui a profecia sobre a interrupção do trono de Davi até a vinda do Messias.
- **Pecados de Jerusalém e purificação através da aflição (capítulo 22):** descreve a necessidade de purificação da cidade.
- **Apostasia e castigo de Israel e Judá (capítulo 23):** apresentados na parábola de Aolá e Aolibá.
- **Jerusalém como panela fervente (capítulo 24):** metáfora para a corrupção da cidade, e a morte da esposa de Ezequiel como símbolo da destruição do templo.

4. As profecias contra as nações (capítulos 25 ao 32)

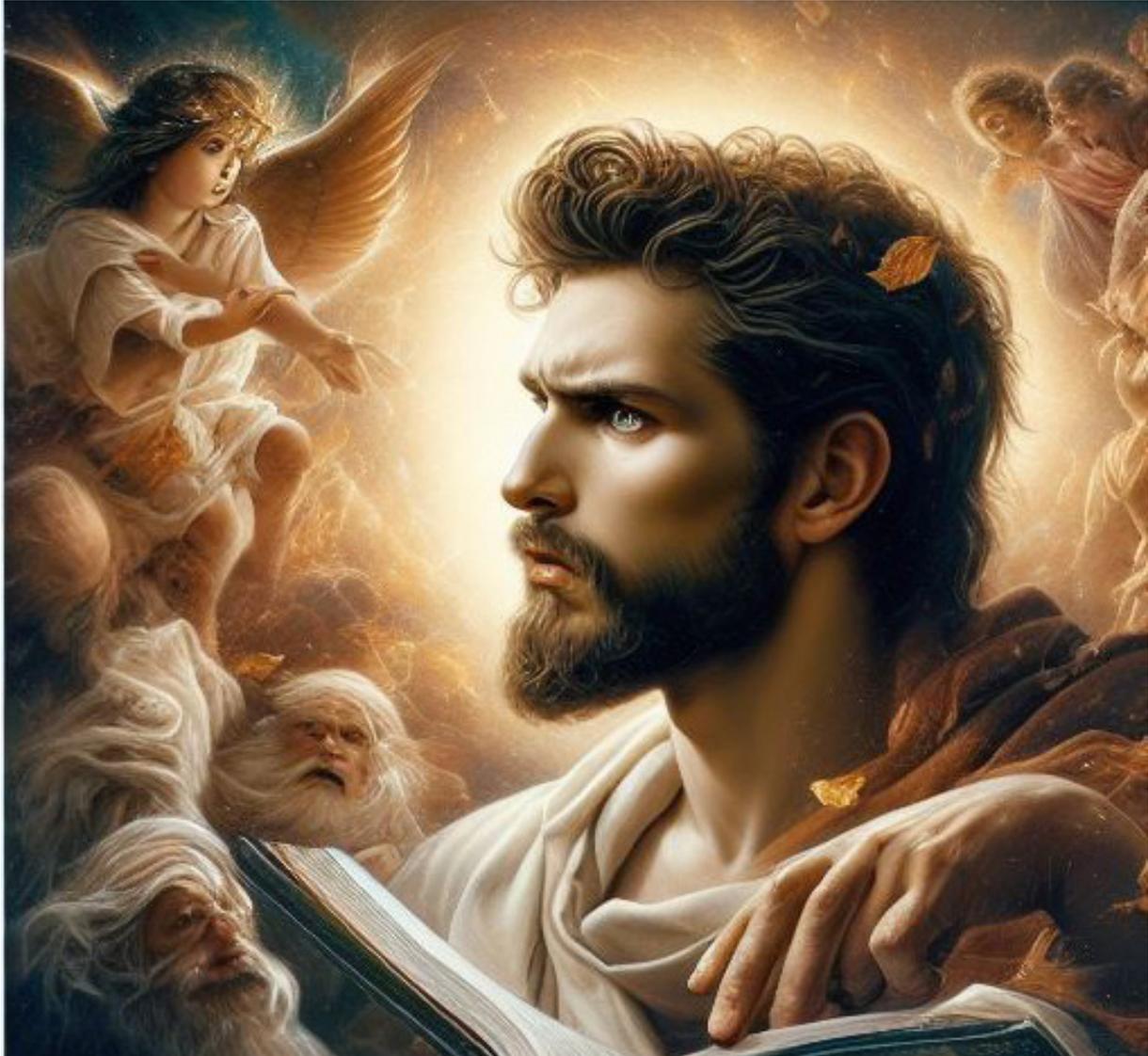
- **Mensagens de juízo para nações vizinhas:** semelhante a Isaías e Jeremias, Ezequiel profere mensagens de juízo para as nações vizinhas de Israel, baseadas em grande parte no tratamento dado por elas a Judá. Entre as nações mencionadas estão os amonitas, Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito. As causas dos castigos variam desde o regozijo na calamidade de Judá até a arrogância dos líderes, com punições que incluem invasão, destruição e exílio.

5. A restauração de Israel (capítulos 33 ao 48)

- **Renovação da missão de Ezequiel:** após a queda de Jerusalém, Ezequiel recebe uma mensagem de consolação, com a renovação de sua missão profética.
- **Repreensão aos falsos pastores e promessa do verdadeiro pastor:** há uma condenação dos líderes que falharam com o povo, e a promessa da vinda de um verdadeiro pastor, que cuidará das ovelhas perdidas de Israel.
- **Castigo dos inimigos e restauração completa de Israel:** os capítulos 35 e 36 falam do castigo dos inimigos de Israel e da promessa de restauração e conversão da nação.
- **Visão do Vale dos Ossos Secos:** Ezequiel, no capítulo 37, apresenta a visão dos ossos secos, simbolizando a restauração nacional de Israel e a união dos reinos de Judá e Israel.
- **Invasão das nações gentias e retorno da glória divina:** os capítulos 38 e 39 descrevem um ataque futuro de nações gentias contra Israel restaurado, seguido pelo retorno da glória divina e a descrição do templo milenar nos capítulos 40 a 48.

Esses capítulos mostram a amplitude das profecias de Ezequiel, abordando temas como juízo, restauração, liderança responsável e a soberania de Deus. Para o público cristão, essas passagens oferecem reflexões profundas sobre a fidelidade de Deus, a importância da justiça e da misericórdia divinas e a esperança na restauração final.

Daniel



Profeta Daniel

Fonte: Imagem gerada em IA

#paratodosverem: Uma ilustração do profeta Daniel, com barbas e cabelos curtos e castanhos. Ele está rodeado por anjos, com uma luz divina atrás de si e segura um livro aberto.

O livro de Daniel é predominantemente uma narrativa profética sobre os impérios mundiais gentílicos, desde o reinado de Nabucodonosor até a vinda de Cristo. Enquanto outros profetas enfatizam o poder e a soberania de Deus em relação a Israel, Daniel destaca a soberania divina sobre os impérios gentílicos do mundo. Ele revela Deus como o governante supremo dos negócios desses impérios até a sua eventual destruição com a chegada do Filho de Deus. O tema central do livro de Daniel é

a apresentação de Deus como o controlador definitivo dos eventos mundiais, responsável pela ascensão e queda de reinos, culminando na instauração de Seu próprio reino eterno.

É importante ressaltar que, em geral, os objetos, animais e itens citados nos capítulos 2, 7 e 8 possuem diferentes interpretações. Por exemplo, existe a perspectiva tradicional, a dispensacionalista, dos macabeus e de Alexandre, isto é, no que diz respeito a quem se referem: Babilônia, Pérsia, Alexandre, Anticristo etc.

Autor

Daniel, da tribo de Judá e possivelmente membro da família real, foi levado jovem para a Babilônia. Durante o cativeiro, ele e outros jovens foram escolhidos para um treinamento especial na corte de Nabucodonosor, entre 606 e 536 a.C. Daniel alcançou uma posição elevada tanto no Império Babilônico quanto no governo persa subsequente. Sua integridade e sabedoria são destacadas em sua vida e ministério, como refletido nas escrituras de Ezequiel.

Daniel manteve-se fiel a Deus em tudo, mesmo estando em terra estrangeira e sendo educado para ser e agir tal como estrangeiro. Sua fé e convicções refletem a teologia do livro que descreve a seleção de jovens israelitas para servirem no palácio do rei Nabucodonosor da Babilônia: “jovens sem defeito físico, de boa aparência, cultos, inteligentes, que dominassem os vários campos do conhecimento e fossem capacitados para servir no palácio do rei. Ele devia ensinar-lhes a língua e a literatura dos babilônios” (Dn. 1.4). A esfera de ação na qual Daniel profetizou durante o período do cativeiro babilônico, desde o reinado de Nabucodonosor até Ciro, cobre cerca de 73 anos (607 a 534 a.C.).

A obra de Daniel

Estrutura do livro de Daniel

1. **Introdução a Daniel e seus companheiros (capítulo 1):** apresenta Daniel e seus amigos na corte de Nabucodonosor.
2. **Domínio de Deus sobre as nações (capítulos 2-7):** exploram como Deus controla o desenvolvimento dos impérios mundiais e a relação destes com o estabelecimento de Seu reino.
3. **Visões de Daniel sobre o destino do povo de Deus (capítulos 8-12):** detalham as visões proféticas de Daniel, focando nos eventos futuros relacionados ao povo de Deus.

1. Introdução: Daniel e seus companheiros (capítulo 1)

Daniel, um exemplo de integridade e fé, viveu de forma exemplar, mesmo em um ambiente desafiador. Sua dedicação à pureza pessoal era notável em meio às tentações de uma corte repleta de luxúria; em termos de sabedoria e conhecimento, ele se destacava entre os mais eruditos da Babilônia; e quanto à sua posição social, Daniel ocupava um dos cargos mais prestigiados do reino. O versículo 8 do capítulo 1 revela a chave de seu sucesso: Daniel tomou uma decisão firme de não se desviar de seus princípios.

Na cultura babilônica, era costume oferecer uma parte da comida e da bebida aos deuses como uma forma de consagração da refeição. Participar dessa prática implicaria endossar idolatria, algo que Daniel escolheu evitar. Ele e seus amigos também decidiram evitar a comida e a bebida ofertadas porque preferiram comer algo mais saudável, já que a comida era pesada etc. Essa escolha reflete a narrativa bíblica de figuras como Moisés e José, que preferiram enfrentar adversidades em vez de ceder aos prazeres momentâneos do pecado, como descrito em Hebreus (Hb. 11.25). A história de Daniel e seus amigos serve como testemunho de como a fidelidade a Deus pode trazer recompensas e bênçãos.

2. Domínio de Deus sobre as nações (capítulos 2-7)

Daniel interpreta o sonho de Nabucodonosor, revelando a Deus como o controlador da história e dos impérios. O sonho, que descreve a ascensão e queda dos grandes impérios, coincide com o período conhecido como “os tempos dos gentios” (Lc. 21.24), marcado pelo domínio gentílico sobre os judeus, começando com o exílio babilônico em 606 a.C. e se estendendo até o retorno de Cristo. O sonho apresenta uma grande estátua composta de vários metais, cada um simbolizando um império:

- A cabeça de ouro representa o Império Babilônico de Nabucodonosor (606-538 a.C.), caracterizado pelo poder absoluto do monarca.
- O peito e os braços de prata simbolizam o Império Medo-Persa (538-330 a.C.), um reino duplo limitado pelo apoio da nobreza.
- O ventre e as coxas de bronze indicam o Império Grego (330-30 a.C.), marcado por uma liderança militar frágil e eventual divisão em quatro partes.
- As pernas de ferro e os pés mistos de ferro e barro representam o Império Romano (30 a.C. até o retorno de Cristo), um governo ainda mais frágil, tendendo à democracia. A estátua é finalmente destruída por uma pedra “cortada sem mãos”, simbolizando o estabelecimento do reino de Cristo.

A imagem de Nabucodonosor, a recusa dos três jovens hebreus de adorar a estátua e sua libertação milagrosa da fornalha estão presentes no capítulo 3. A visão de Nabucodonosor sobre uma grande árvore, sua humilhação e restauração estão registradas no capítulo 4. Já a experiência de Daniel sob os reinados de Belsazar e Dario estão presentes nos capítulos 5 e 6, incluindo a interpretação da escrita na parede (capítulo 5) e a libertação de Daniel da cova dos leões (capítulo 6).

A visão das quatro bestas, no capítulo 7, retratam os mesmos impérios do capítulo 2, mas com ênfase em seu caráter moral e destrutivo. Essa visão é apresentada a partir da perspectiva de Daniel, destacando a natureza brutal dos impérios e o triunfo final do reino de Deus. As interpretações são:

- O leão representa o Império Babilônico.

- O urso simboliza o Império Medo-Persa.
- O leopardo representa o Império Grego.
- A besta terrível representa o Império Romano, com os dez chifres simbolizando os reinos em que foi dividido nos últimos dias, incluindo a emergência do Anticristo.

Este capítulo se conecta com as revelações do Apocalipse, particularmente os capítulos 13 e 19, antecipando o retorno de Cristo e a destruição do sistema mundial e seu líder.

3. Visões de Daniel sobre o destino do povo de Deus (capítulos 8 ao 12)

A visão do carneiro e do bode (capítulo 8) oferece uma visão simbólica dos impérios mundiais:

- O carneiro bicorne representa o Império Medo-Persa.
- O bode simboliza o Império Grego, que conquistou a Média e a Pérsia.
- O chifre notável do bode representa Alexandre, o Grande, líder do Império Grego.
- Os quatro chifres que surgem após a queda do grande chifre indicam as quatro divisões do império de Alexandre após sua morte.
- O chifre pequeno, surgindo de uma das divisões, tem sido interpretado por alguns estudiosos como Antíoco Epifânio, um rei sírio que perseguiu os judeus. Outros veem uma conexão com o Anticristo, uma figura escatológica mencionada em outras partes da Bíblia.

A visão das setenta semanas (capítulo 9) descreve um período profético dividido em três partes, simbolizando eventos significativos na história e futuro de Israel:

- Sete semanas (49 anos), iniciando com o decreto para reconstruir Jerusalém em 445 a.C. e possivelmente representando o tempo de reconstrução.
- Sessenta e duas semanas (434 anos), culminando na época de Jesus Cristo.

- A última semana (7 anos) permanece não cumprida, esperada para acontecer no fim dos tempos, com a aparição do Anticristo e um período de tribulação para Israel.

A última visão de Daniel (capítulos 10 ao 12) oferece uma descrição detalhada de eventos futuros relacionados ao povo de Deus:

- A visão da glória do Senhor (capítulo 10).
- As guerras entre as divisões do império de Alexandre – Egito e Síria (Dn. 11.1-20).
- A descrição de Antíoco Epifânio (Dn. 11.21-35), um tipo do Anticristo.
- Uma previsão sobre o Anticristo (Dn. 11.36-45).
- A grande tribulação e a libertação do povo judeu (Dn. 12.1).
- A ressurreição (Dn. 12.2-3).
- A última mensagem a Daniel (Dn. 12.4-13), enfatizando que as visões estão seladas até o fim dos tempos, acessíveis apenas à sabedoria espiritual.

Essas visões são essenciais para compreender a soberania de Deus sobre a história e o futuro, oferecendo esperança e orientação aos crentes ao longo dos tempos.

Conclusão

Ao longo deste conteúdo, exploramos não apenas os contextos históricos e biografias dos profetas Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, mas também mergulhamos em suas obras significativas e na estrutura dos respectivos livros que compõem a literatura profética do Antigo Testamento.

Através da análise desses profetas e de suas mensagens, podemos observar a diversidade de contextos em que eles viveram e as diferentes formas como foram chamados para comunicar a palavra de Deus ao povo de Israel. Desde a condenação dos pecados e a advertência de consequências até a promessa de esperança e restauração, as mensagens proféticas refletem a fidelidade de Deus em meio às vicissitudes da história humana.

Isaías se destaca como o profeta de Judá, cuja obra é marcada por uma visão profunda da santidade de Deus e da necessidade de justiça social. Jeremias, por sua vez, é conhecido como o profeta das lágrimas, que enfrentou o desafio de proclamar a mensagem divina em tempos de grande apostasia e crise nacional. Ezequiel nos impressiona com suas visões simbólicas e sua coragem em confrontar as injustiças e idolatrias de seu povo, enquanto Daniel nos inspira com sua fidelidade inabalável a Deus em meio às adversidades do cativeiro babilônico.

Ao estudarmos esses profetas, somos confrontados com a relevância contínua de suas mensagens para nossas vidas hoje. Suas exortações à justiça, à fidelidade e à confiança em Deus ressoam através dos séculos, desafiando-nos a vivermos de acordo com os valores do Reino de Deus em nosso próprio tempo.

Portanto, este conteúdo não apenas nos proporcionou um entendimento mais profundo das figuras e obras dos profetas bíblicos, mas também nos incentivou a refletir sobre como podemos aplicar seus ensinamentos em nossas vidas pessoais e em nossas comunidades, buscando ser instrumentos de transformação e testemunhas do amor e da justiça de Deus em um mundo que tanto precisa dessas verdades eternas. Que possamos seguir o exemplo de fidelidade e coragem desses profetas, confiando na promessa de Deus de que Ele está conosco em todas as circunstâncias e que sua vontade prevalecerá.

Material complementar

Livro

O Cristo dos profetas de O. P. Robertson

Com muita propriedade e visão ampla acerca do assunto, o autor Palmer Robertson examina minuciosamente os profetas do antigo Israel e seus escritos, a partir do entendimento claro da função do profeta na história de Israel, o chamado, os falsos profetas. Ao final, Robertson dá atenção especial ao significado teológico e bíblico do exílio e à restauração deste povo. É uma leitura imprescindível para todo e qualquer estudante de teologia para uma visão e interpretação equilibrada e ampla da vida e obra dos profetas bíblicos.

Vídeo

Os profetas – Canal Bible Project – Português

Com simplicidade e maestria, este vídeo desconstrói impressões erradas acerca da leitura dos livros proféticos na Bíblia e prepara todo e qualquer leitor para uma visão e perspectiva correta ao se deparar com tais livros. Ter em mente a primeira regra da hermenêutica bíblica, a Bíblia interpretando a própria Bíblia, no contexto das profecias e a vida dos profetas, nos ajuda a entender a importância deles na história da humanidade e do povo de Deus enquanto mensageiros do Criador.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=K8iwowbjX6c>

Artigo

PORTE JÚNIOR, W. Israel ainda é o povo de Deus? TGC – Coalização pelo Evangelho, 11 de outubro de 2023.

Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/israel-ainda-e-o-povo-de-deus/>. Acesso em: 18 nov. 2023

Wilson Porte Júnior, estudioso gabaritado das sagradas escrituras, explora de forma simples e objetiva uma questão antiga: se o povo judeu ainda é ou não o povo de Deus escolhido, após o nascimento e crucificação de Cristo, tal qual a Palavra de Deus relata no Antigo Testamento. O autor conceitua povo de Deus eleito enquanto nação judaica, povo de Deus enquanto cristãos eleitos e a Igreja de Cristo enquanto reunião de todos os cristãos.

Referências

ALMEIDA, J. F. Bíblia de Estudo Plenitude. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BUCKLAND, A. R. Dicionário Bíblico Universal. 12. ed. São Paulo: Editora Vida, 1987.

CREISLER, N. NIX, W. Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós. São Paulo: Editora Vida, 1997.

FRANCISCO, C. T. Introdução ao Velho Testamento. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1995.

GARCIA, P. R. Ministério dos Profetas no Antigo Testamento. 3. ed. Imprensa Metodista, 1995.

HAGEE, J. Bíblia de Estudos das Profecias: Atos. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP. 2001.

PEARLMAN, M. Através da Bíblia: livro por livro. 16. ed. São Paulo: Editora Vida, 1993.

RIDDERBOS, J. Isaías: introdução e comentários. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986.

